

Vigiados por cerca de 150 policiais bem armados, colonos e índios do Toldo Chimbanguê, em Chapecó, desfaldam bandeiras, prosseguindo nas ameaças de iniciar uma guerra pelas terras da região. Neste clima, em que se sente a intenção de sensibilizar as autoridades de Brasília para solucionar imediatamente o impasse, um dos incidentes da tarde de ontem quase resultou em tragédia, quando um grupo de crianças, homens e mulheres indígenas enfrentou um destacamento militar. "Estamos mesmo sobre um barril de pólvora", reconhece o delegado da Funai de Curitiba. "Por um pequeno descuido o pavio é aceso e o toldo explode".

# Bandeira hasteada. Índios estão prontos para lutar

Por ANDRÉ PEREIRA. Enviado Especial/ZH

Ao hastear uma improvisada bandeira vermelha, no final da tarde, na entrada da área de dois alqueires, onde estão confinados no Toldo Chimbanguê, os índios deixaram claro que sua paciência esgotou-se depois de dois incidentes encenados ontem na área. No primeiro, um confronto com policiais armados quase resultou em tragédia. No segundo, o próprio delegado da Funai no Paraná, Eustáquio Machado, foi envolvido ao ter seu Fiat-Panorama retido em uma das barreiras policiais montadas na região. Machado foi obrigado a desembarcar do

veículo quatro índios que transportava sob alegação de um sargento, de que poderia estar trazendo reforços para um eventual combate contra os colonos da Sede Trentin, que reúne 160 famílias de agricultores dentro da área de 1.885 hectares, oficialmente reconhecidos por um grupo interministerial como terras indígenas. Indignado, Machado lembrou o direito de ir e vir, expresso na Constituição — mas nem o sargento Gomes nem o capitão Amaral, chamado do posto de comando instalado na área para resolver a questão, foram sensibilizados pelo argumento. Os quatro índios, originários de outras reservas paranaenses, foram obrigados a voltar a Chapecó para tentar obter, no quartel, uma autorização por escrito para entrarem na área.

Revoltados, porque os brancos não eram retidos nas barreiras, os índios perderam os últimos sinais de tranquilidade que vinham sendo sustentados justamente pelos indígenas de outras reservas. "A gente tem reunião do pessoal e pedido calma; tem pedido para eles esperarem uma resposta definitiva de Brasília", explicava Luiz Alan, de Mangueirinha, confidenciando que não tinha muitas esperanças em comunicados desferidos por Brasília às vésperas de um pavoroso fim de semana". Se a gente deixar os índios partirem para a violência, vai haver um massacre, porque aqui todos estão desarmados".

## Metralhadoras

Na verdade, a única arma que apareceu nas mãos indígenas até agora foi um revólver calibre 32, surpreendido na posse de Ari Palliano, o filho do cacique da reserva de Xanxerê, que ingressava no Toldo Chimbanguê quando foi retido na barreira, quinta-feira passada. Ao ser pego com a arma, Palliano disse que ela pertencia ao sertanista da Funai, Nilo Paulo Moraes. Ontem, Moraes negou que o revólver fosse seu. E, exibindo seu calibre 38, disse que entendia a acusação do índio: "Ele estava nervoso, não viu outra saída senão dizer que a arma era do oficial da Funai. Afinal, aqui tínhamos que ter metralhadora, porque os colonos estão fortemente armados", afirmou ele garantindo, entretanto, que Ari Palliano não estava na área do Toldo quando ocorreram incidentes provocados pelos índios, nos quais acusou-se os indígenas de terem disparado armas. "Os índios não têm armas, mas os brancos devem possuir umas duas mil, que são rapidamente escondidas durante as batidas policiais", sustentou ele.

Nem o delegado Machado escapou do contágio desse espírito bélico que reina, fortemente, nesta área, localizada a 15 quilômetros de Chapecó. Com ameaças de parte a parte, bandeiras vermelhas colocadas em mastros, notas oficiais prometendo represálias aos indígenas "que botarem os pés nas propriedades dos colonos" e provocações de índios munidos de arco e flechas diante de soldados portando espingardas calibre 12 e metralhadoras INA. Ao dizer que, por ele, como sertanista, os índios não deveriam ceder um só metro dos 1.885 hectares reconhecidos como reserva. Machado mostra que a Funai estimula o fim de qualquer negociação. E remete para o Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário toda a responsabilidade de um suposto conflito violento na terra Chimbanguê.

Como Machado, como os índios e como os colonos liderados por Fidélis Trombetta e sua filha Ivanir, uma professora primária que redigiu a nota oficial da quinta-feira, declarando que os agricultores não serão "covardes para fugir da luta, seja ela qual for", todos querem resolver a questão apresentando radicalismos, imaginando que as au-

toridades, confortavelmente instaladas em Brasília, se locomovam com mais rapidez, sentindo o cheiro da pólvora e do sangue eminente a escorrer em Santa Catarina. Não é totalmente improvável essa hipótese quando os dois lados percebem que a manobra de soltar candentes ameaças ou praticar atentados isolados — como os incêndios em prédios desabitados — não está surtindo o menor efeito. "Os índios não querem guerra", imagina Fidélis Trombetta, um colono gaúcho nascido em Erechim e que, desde 1968, amparado na escritura número 53.693 registrada no cartório de imóveis de Chapecó, mora na Sede Trentin. Ignorando a reivindicação indígena de que essas terras lhes pertencem". Nós compramos terras registradas", argumenta ele, repetindo a inscrição afixada em uma faixa colocada na entrada desta localidade, onde habitam 92 proprietários de escrituras semelhantes ali espalhadas pela colonizadora gaúcha Luce Rosa e Cia. "Quem quer o conflito mesmo é a gente que está por detrás dos índios, como este pessoal do Cimi, que até deu treinamento de cacique para os índios durante três meses lá em Brasília", complementa ele.

## "Apoltronados"

Em meio a este cenário ontem, foi exatamente o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) a única entidade a surgir com uma proposta concreta que encaminhou através de telex a Dom Luciano Mendes de Almeida, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sugerindo aos Ministérios do Interior e da Reforma e do Desenvolvimento Agrário um novo mapeamento da área, diminuindo a porção indígena para 1.188,7 hectares, com o que apenas 68 famílias de colonos teriam de ser reassentadas fora da reserva. Com isso, os custos de indenização seriam reduzidos em 56 por cento possibilitando a solução do impasse, a bem da verdade obstaculizado por falta de verbas para assentamentos desde que houve o reconhecimento oficial do Toldo Chimbanguê.

"É uma proposta para os ministérios oferecerem aos índios para tentar reatar as negociações. A comunidade indígena não a discutiu ainda", esclareceu o representante do Cimi, o advogado Júlio Gaiger, ao chegar ontem à tarde na área no exato momento em que os índios esculpiam um estreito tronco para improvisar o mastro de sua toca bandeira vermelha.

Desde então, existem duas bandeiras encarnadas na área. Além das dos índios, ao lado de uma branca — onde está escrita a palavra "hoje", os colonos da Sede Trentin possuem uma outra bandeira vermelha, a meio-pau e amarrada no mastro diante da igreja. No seu tecido está impressa a expressão "amanhã", que repousa como uma sintomática ameaça que, se espera, não passe mesmo de uma advertência para mover as bem apoltronadas autoridades da capital federal.

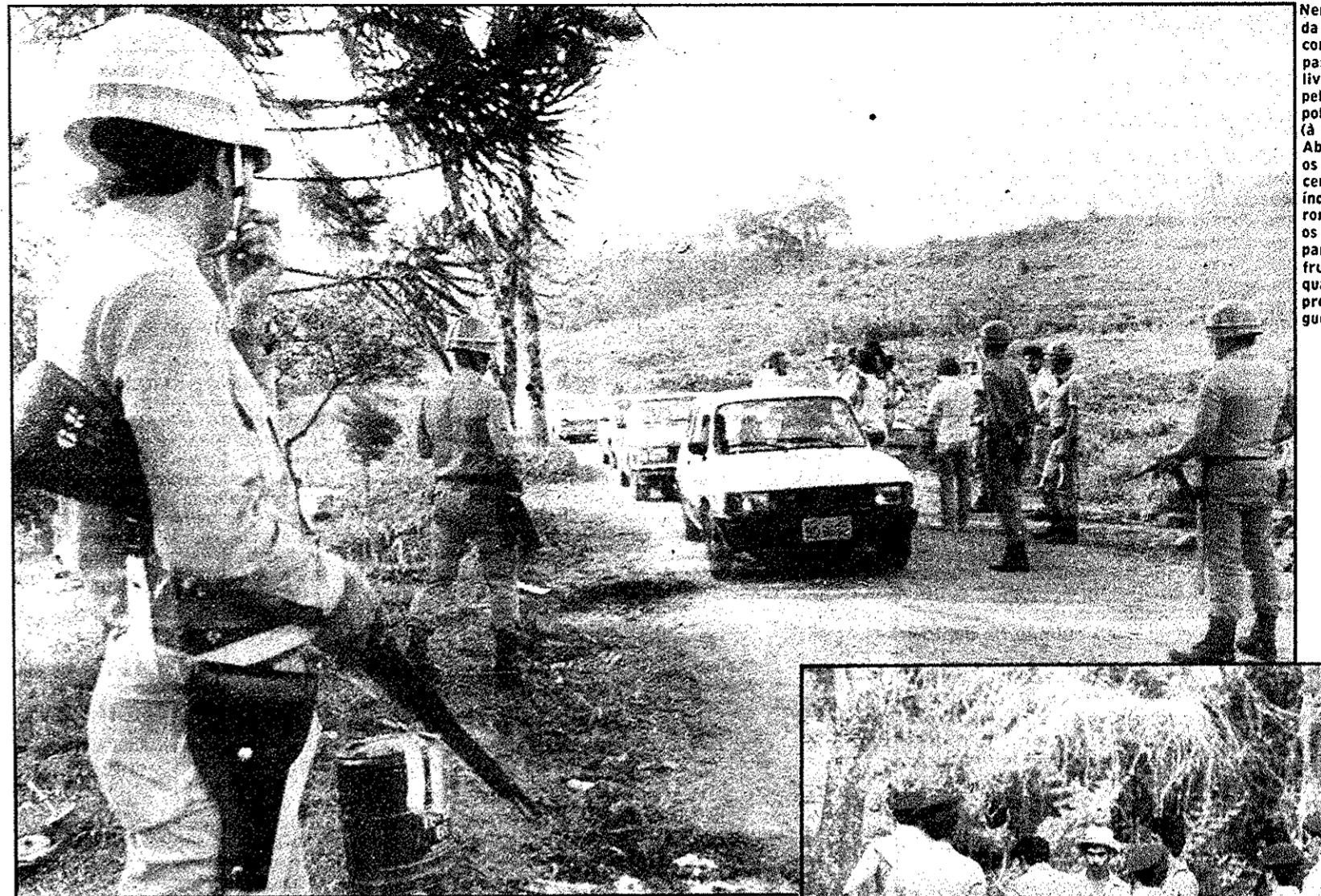
## Caciques gaúchos se solidarizam

O delegado regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Irani Cunha, recebeu informação, ontem à tarde, de que todos os caciques das reservas indígenas do Rio Grande do Sul estão decididos a seguir para Santa Catarina, para se solidarizar com o movimento dos índios no Toldo Chimbanguê, em Chapecó. A decisão dos líderes indígenas está causando muita preocupação, e caso se confirme seu deslocamento, Irani Cunha também irá para o local do conflito, acompanhar os acontecimentos.

A exemplo do que acontece em Santa Catarina, os índios caingangues do Rio Grande do Sul também têm problemas com a demarcação das áreas de suas reservas, como acontece em Irati, Votouru e Guaritá são duas áreas em que existe tensão. O dirigente da Funai teme que os conflitos que estão ocorrendo agora no Toldo de Chimbanguê, em Santa Catarina, se propaguem como rastilho de pólvora no Rio Grande do Sul.

## Alerta

As delegacias de polícia dos municípios catarinenses localizados próximos às fronteiras com os outros Estados foram colocados em alerta, ontem, com o objetivo de reforçar o contingente da reserva dos caingangues. O secretário adjunto da Segurança Pública de Santa Catarina, Manoel Fogaça de Almeida, considera que a medida é indispensável neste momento de tensão para evitar um confronto de proporções.



Nem o delegado da Funai consegue passar livremente pelas barreiras policiais (à esquerda). Abaixo, os soldados cercam os índios que romperam os limites para buscar frutas e quase provocam a guerra.



## A polícia se prepara. E até escolhe os alvos

Os 15 soldados bem armados, comandados pelo capitão Amaral, do Segundo Batalhão de Polícia Militar de Chapecó, avançaram preparados para cumprir a ordem de atirar, mal ela fosse desferida. "Eu pego o de chapuzinho branco", avisou um soldado ao companheiro que apertava, nervosamente, o cabo de uma espingarda calibre 12 cano curto. Igualmente nervoso, Amaral fez força para dominar-se, evitando o confronto com uma dúzia de índios, entre homens, mulheres e crianças, que desafiou o destacamento armado ontem, por volta do meio-dia, nas proximidades do Rio Irani, quando o grupo indígena ultrapassou a área vigiada militarmente para apanhar laranjas em uma árvore.

"Estamos com fome", gritou um índio, na tentativa de explicar o ousado gesto do grupo, armado com lanças, bordunas, arcos e flechas, que se dirigiu decididamente para o local onde os policiais montaram barracas.

Baseado no posto de comando com um rádio através do qual mantém contato com o quartel em Chapecó, o capitão Amaral rebateu dizendo que a Funai tinha fornecido almoço para os índios. Mas o gaúcho João Isaias de Moura, de Nonoai, que liderava o insólito piquete, provocou: "Estamos desarmados, se querem atirar, atirem. Vamos morrer lutando pelos direitos dos índios", pregava ele, colhendo o apelo unânime de seus companheiros, entre os quais destacavam-se duas mulheres.

A mais jovem subiu apressadamente na laranjeira, e, surpreendendo os soldados, iniciou uma colheita, sacudindo ferozmente a árvore, desviando-se das laranjas, transformadas em desagradáveis projéteis. Os soldados perturbaram-se e não conseguiram sequer obedecer ao comandante da operação na determinação de retirar os índios do local. Assim, durante uns 15 minutos, o clima de tensão cresceu a ponto de se prever o desfecho mais trágico neste primeiro conflito sério entre os indígenas e os policiais que se espalham em unidades de 15 milítas em cerca de dez barreiras montadas ao longo do toldo. A mais velha das duas mulheres provocava Iri similar nos milítas, desafiando uma raivosa e repetitiva cantilena contra todos os brancos que defendem os colonos invasores de suas terras. "Aqui tudo é nosso. Estou desarmada. Não tenho nem fe-

cha. Podem me matar, que não saio do meu chão", gritava ela.

## "Velho Barreiro"

Ao final do confronto, quando João Isaias ordenou a retirada dos índios, carregados de sacos de laranjas, o capitão Amaral suspirou aliviado: "Nossa função aqui é evitar o derramamento de sangue", apressou-se a explicar, embora tenha despachado um imediato alerta às outras barreiras, avisando sobre a possibilidade dos índios receberem reforços de fora. "Já impedimos um cacique de Xanxerê, Ari Palliano, que vinha armado, de entrar aqui", revelou ele, enquanto permitia que seus soldados retornassem à tarefa de assar uma carne que, junto com chimarrão e laranjas, comporia o cardápio do almoço.

Nas outras barreiras militares, o ambiente ontem não era de tensão. Ao contrário, em uma delas os jovens soldados aproveitaram o sol para tirar a parte superior do uniforme e bronzear-se, enquanto ouviam música e esperavam o churrasco ficar pronto. Surpreendidos pelos fotografos, ficaram constrangidos e, sem ter tempo de erguer-se e recolocar as gandolas, apressaram-se em esconder a garrafa de "Velho Barreiro", que corria a roda.

Episódios desse quilate ou como o da pacífica convivência do colono branco Orsolino Alves da Silva, que mora com a mulher e nove filhos a apenas 100 metros da casa do cacique Chimbanguê, Clemente Fortes, contradizem informações de que pelo menos três famílias de colonos temerosos já haviam abandonado a área, às vésperas de uma guerra. Havia até comentários de que, dessas famílias, apenas os homens voltariam à Sede Trentin para os preparativos bélicos. Mas, em meio a encenações e boatos, o que realmente preocupava era o fato de que, em momentos de tensão crescente — como o do enfrentamento dos índios e policiais — seja aceso um pavio que conduza ao barril de pólvora, engendrado pelas ameaças e atentados isolados já registrados na região. Se nem todos querem acender o rastilho, a maioria concorda, no entanto, que so uma ação decidida dos órgãos responsáveis como Miradé, Funai e Ministério do Interior têm o poder de acabar, de uma vez por todas, com esse barril incomodamente incrustado no oeste catarinense.

## Comissão de negociação chega terça-feira

A Comissão Interministerial de alto nível, criada para negociar uma solução que dê fim ao conflito entre colonos e índios do Toldo Chimbanguê, já foi oficializada e deverá estar na região já na próxima terça-feira. Participam, como integrantes da comissão, João Pacheco, assessor para Assuntos Indígenas do Mirad; Henrique Antão, do Ministério da Justiça; Tarciso de Almeida Cunha, consultor jurídico do Ministério do Interior; Marcos Correia Lins, representante do Mirad e a Justiça; um representante do governo de Santa Catarina e um da CNBB, possivelmente o bispo de Chapecó. Esta comissão irá se reunir segunda-feira à tarde no Ministério do Interior para formalizar algumas propostas de conciliação, que possam ser apresentadas aos colonos e índios.

O ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, ao falar sobre o assunto, ressaltou que a única solução viável para o problema tem que ser, obrigatoriamente, através de um acordo, pois tanto os índios quanto os colonos são titulares de direito. Sobre as declarações feitas pelo superintendente da Funai, Apoena Meireles, culpando o Mirad pela situação atual do Toldo Chimbanguê, Nelson Ribeiro nada quis falar sobre o assunto, explicando que o problema é do Ministério do Interior e da Funai, já que tem mantido absoluta consonância nas conversações com o Minter.

Paralelamente, o secretário-geral do Ministério do Interior, Maurício Vasconcelos, convocou a imprensa, ontem, para declarar que o próprio superintendente da Funai deve se responsabilizar pelas acusações que fez, já que o Minter não concorda com seu posicionamento. Segundo revelou, não existe nenhum atrito entre o Mirad e o Ministério do Interior, pois ambos têm trabalhado juntos com total entrosamento. Apoena Meireles, que foi chamado ao Minter para esclarecer o que havia dito, refuz suas acusações, dizendo que se tratava de problemas criados pelos governos passados e não pelo atual. Desta forma, ficou evidenciado que a solução será mesmo um acordo entre índios e colonos, conforme a proposta do Mirad. (Brasília, ZH)



Os índios, com a paciência esgotada por sucessivos acidentes, mostram sua bandeira vermelha de guerra. Ao lado, os colonos respondem por enquanto com bandeira branca mas têm também uma vermelha preparada (no canto, bem à esquerda, enrolada)

